

A FILHA DA RIZOLETA

PEÇA TEATRAL

AUTOR: MAGGIAR VILLAR DE CASANOVA

maggiarvillar@hotmail.com

Fone: 45 – 9968.9711

(Personagens: Ricardo Casanova, Rita, Karol, Débora, Rachid Farid, Administrador, Espectadora, Renato, irmão adotivo de Casanova e amigas de Karol)

Cena Um:

Platéia e palco com as luzes acesas. Depois de tocar o primeiro sinal, para começar a peça, o personagem principal entra discretamente na platéia, procura uma cadeira vazia na primeira fileira e senta-se ao lado de uma atriz disfarçada de espectadora e tenta conquistá-la, num tom de voz alto.

Casanova: Oi! Tudo bem? Acho que já a conheço, mas não me lembro de onde.

Atriz-Espectadora: Não. Acho que nunca o vi antes.

Casanova: Então, acabamos de nos conhecer. Muito prazer, Casanova. Você gosta de teatro? Já viu Ubu-Rei?

Espectadora: Adoro teatro. Vi Ubu duas vezes

Casanova: Ah, legal. Eu também adorei. Já vi cinco vezes. O Cacá Rosset é um tremendo canastrão, mas é um dos melhores atores-diretor. Quais as outras peças em cartaz que você já assistiu?

Espectadora: Muitas. – ela cita o nome das peças em cartaz –

O segundo sinal da campanha é tocado. Casanova continua sua paquera descaradamente. A platéia começa a ficar irritada e impaciente.

(Todos os demais atores da peça estão sentados juntos com a platéia, mas ninguém sabe que eles são atores)

Casanova: Eu também adoro teatro. O teatro é minha segunda paixão.

Espectadora: Qual é a primeira?

Casanova: Literatura. Sou apaixonado por literatura.

Alguém da platéia se irrita e pede silêncio. A campanha toca pela última vez. Casanova dá um grito sentenciando: “Cala boca, burro”. E continua sua paquera e perturbando o silêncio.

Casanova: Qual é seu nome? Vamos tomar um chopp depois da peça?

A platéia fica ouriçada e impaciente. Alguém pede silêncio novamente. As luzes se apagam. Casanova fica de pé e diz que está pagando ingresso também e mostra o seu. A confusão aumenta. Casanova pede desculpas para a Espectadora que ele está paquerando. Vira para trás e dispara uma rajada de palavras.

Casanova: Silêncio, Porra. A peça já vai começar. Ou todo mundo fica quieto ou não haverá peça nessa merda.

A platéia começa a pedir silêncio e chama Casanova de mal educado. Ele vai para o centro do palco que já está com as luzes acesas e começa a andar em círculo e não pára de falar.

Casanova: Eu vou fazer um escândalo se vocês não pararem de falar. Quem vocês pensam que são, hein? Vocês não me

conhecem. Sou capaz de muita coisa! Já tirei a roupa no meio da rua e não me custa nada tirar aqui também. Calados, seus puritanos de merda. Calados ou eu tiro a roupa. O que foi? Como é que é? Não acreditam? Não mesmo? Então taí, seus moralistas...

Casanova tira toda a roupa rapidamente e começa a dançar. O administrador entra em cena e surpreende Casanova dançando peladão no palco.

Administrador: Mas o que significa isso aqui?

Casanova: Foi essa cambada aí, que duvidou de mim. Não suporto que duvidem da minha palavra.

Administrador: Por favor, meu amigo, queira vestir suas roupas. Vamos conversar como gente civilizada. Se o senhor não quiser ver a peça hoje, nós devolvemos o seu dinheiro e o senhor pode ver a peça outro dia.

Casanova: Por que outro dia? Paguei para ver a peça hoje... Mas..., pensando bem, acho que é isso que vou fazer. Prefiro respirar outros ares.

Casanova pegou sua roupa e foi saindo do palco seguido pelo Administrador. Voltou correndo e gritou para a platéia:

Casanova: VÃO TOMAR NO CU, SEUS PURITANOS MORALISTAS DE MERDA.

Depois desapareceu do palco. O administrador se volta para a platéia e pede desculpas pelo incidente e pede que ninguém mais atrapalhe o espetáculo.

Cena Dois:

Palco iluminado, decoração a gosto do diretor. Cenário: sala de visitas de um apartamento de classe média, com dois personagens. Uma mulher bonita de aproximadamente trinta e três anos e sua filha, uma ninfeta de dezoito anos muito sapeca. A mãe conversa com sua pimpolha.

Rita: Karol, agora que o seu pai foi embora, acho que vamos ter mais sossego e liberdade. Você poderá sair mais com suas amigas.

Karol: Mãe, você ainda ama o papai? Por que vocês se separaram?

Rita: Não, meu amor. Eu não amo mais o Rodolfo. Aliás, foi justamente por falta de amor que nos separamos.

Karol: Mãe, posso chamá-la de Rita? Você é muito jovem e bonita para ser chamada de mãe. Acho que não fica bem uma moça tão nova como você ouvir um MANHÊÊÊ perto de rapazes que a estiverem paquerando. Afinal, eu já estou do seu tamanho e pareço mais sua irmã do que filha.

Rita: Claro, meu amor. Mas não vá querer roubar meus namorados.

Karol: Ah, isso eu vou sim. É só você *marcar* e eles me derem bola que não vou perder tempo. Podemos até dividir os mesmos namorados.

Rita: Sabe, Karol, há certas desgraças que são preferíveis a uma falsa alegria. Minha separação foi minha salvação. O que você acha da gente ir jantar fora para comemorar?

Karol: Acho uma ideia supimpa!

Rita: Ah, Karol, estou pensando em alugar o quarto de hóspedes para ajudar no orçamento da casa. Um pouco de dinheiro a mais não fará nada mal.

Karol: E para quem você vai alugar?

Rita: Vou botar um anúncio no jornal Primeiramão. Dizem que publicou anúncio no Primeiramão. Alugou no dia seguinte. Estou pensando em alugar para um rapaz formado ou universitário.

Karol: Rapaz solteiro, hein! Vê lá o que você vai fazer.

Rita: EU não. Vê lá o que VOCÊ vai fazer.

Cena Três:

O telefone toca na casa de Rita. Karol corre para atender.

Karol: Alô! Com quem...? Ah, sim. É. É aqui sim. Um momento por favor, que vou chamar minha mãe.

Karol deixa o telefone sobre a mesinha e sai correndo

Karol: Ritaaa... é sobre o anúncio.

Rita pega o aparelho, senta-se no sofá e atende.

Rita: Alô. Pois não. Sim. É aqui mesmo. Quantos anos você tem? Ah, está bem. Não, não. Aqui não tem cachorro. Eu moro em apartamento. Não. Não se preocupe. Nem as vizinhas têm cachorros. Por quê? Você tem medo de cães? Tudo bem. Ok. Estou te esperando.

Karol entra na sala e olha para Rita. Ela faz uma cara de dúvida.

Rita: Nossa! Não entendi essa.

Karol: Que foi?

Rita: O rapaz parece ter trauma contra cachorro. Ele disse que não pode ver cachorro que sai correndo.

Karol: Ué, vai ver, ele já foi mordido por algum pastor alemão ou pitbull.

Rita: Pode ser. Mas acho que não é isso. Deve haver algum segredo por trás disso. Nunca ouvi dizer que homem tem medo de cachorro.

Karol: Vai ver, ele é bicha.

Cena Quatro:

Casanova chega ao apartamento de Rita e Karol, com o Jornal de classificados Primeirão debaixo do braço e toca a campainha. Karol abre a porta toda curiosa.

Casanova: Oi. A dona Rita, por favor.

Karol: (Encarando o visitante de cima a baixo): Foi você que ligou há pouco querendo alugar o quarto?

Casanova: É. Fui eu sim.

Karol: Por favor, entre. Eu vou chamar minha mãe. Ela já vem.

Casanova: Muito obrigado.

Karol deixa Casanova na sala sozinho e vai chamar Rita que entra na sala para atender a visita. Karol acompanha sua mãe e fica só

observando e prestando atenção na conversa dos dois. Vez por outra olha para Casanova. Rita usa todo seu charme e com a maior amabilidade do mundo que uma mulher sabe usar, tenta cativar Casanova, que se mantém sério.

Rita: Muito prazer. Você deve ser o Casanova, o rapaz que ligou agora há pouco. Essa é minha filha Karol. E então, não foi difícil chegar até aqui?

Casanova: Não. Aqui é um lugar de grande facilidade de acesso.

Rita: Tenho certeza de que você vai gostar muito daqui. O Metrô passa aqui na porta. De onde você está vindo, ou você mora aqui em São Paulo?

Casanova: Bem, eu sou do Paraná. Nasci em Casanova. Minha família adotiva mora lá. Mas eu moro aqui em Sampa desde os dezesseis anos, quando cheguei sozinho, à procura dos meus pais biológicos. Mas até hoje ainda não consegui encontrá-los. Quem sabe um dia.

Rita: Atualmente você mora com quem?

Casanova: Desde que vim para São Paulo, sempre morei lá no CRUSP, na Cidade Universitária. Mas agora que terminei meu mestrado, preciso sair. Preciso dar lugar para novos moradores.

Rita: Quanto tempo morou no GRUSP!?! Você agüentou morar lá desde que chegou aqui em Sampa? Conheci o CRUSP no meu tempo de faculdade. Era a maior zona. Todo mundo trepava com todo mundo. Mas eu adorava aquele lugar. Conheci o pai da Karol lá numa festa de arromba.

Casanova fez uma cara de inocente e olhou para Karol. Ela deu um sorriso para ele.

Casanova: Pois é. Estudante sabe fazer democracia com liberdade.

Rita: Aqui em casa você terá muita liberdade também. Você quer ver o quarto? Venha... Aqui está, olhe, o quarto é esse. Não é uma gracinha? Você pode fazer o que quiser aqui. Namorar, estudar, dormir até a hora que der vontade. Você é formado em que mesmo?

Casanova: Jornalismo. Mas atualmente sou cineasta pós-moderno e escritor.

Rita: Oh! Que maravilha! A Karol quer fazer jornalismo também. Não é filhinha? Eu sou Psicanalista. Ou seja, sou pronto-socorro de viadices.

Casanova: Oba! Então estou feito. Acho que você poderá curar alguma neurose que tenho e não sei. Que método você usa? Qual é sua linha? Freud ou Jung?

Rita: Freud era um imbecil. Antes dele, só existiam dois tipos de doenças. Freud era um peidorreiro que inventou a psicanálise para tirar dinheiro da burguesia. Mas não vamos falar disso agora. Você quer ficar com o quarto?

Casanova: Sim, claro que quero. Mas e o aluguel? Você ainda não disse quanto é o aluguel.

Rita: Como você é um rapaz muito simpático e culto, vou te fazer um preço bem camarada. Esse quarto vale por aí, uns quinhentos reais, mas vou cobrar trezentos reais. O que você acha?

Casanova: Está ótimo. E o reajuste, será semestral?

Rita: Anual. O apartamento é meu mesmo, por isso posso fazer reajuste anual.

Casanova: Ótimo! Quando posso me mudar?

Rita: Hoje mesmo, se você quiser. Vou te dar uma chave do apartamento e da portaria. Você tem computador?

Casanova: Tenho um micro PC FULL CASE MODING e um LapTop.

Rita: Se você quiser usar Internet, pode mandar instalar uma linha de telefone. A Telefônica instala em vinte e quatro horas. Somente a Telefônica tem 5.5 GB de velocidade. Você pode montar seu estúdio de cinema e televisão aqui dentro desse quarto. De hoje em diante nossas vidas será real, virtual e cinematograficamente vinte e quatro horas por dia. O que acha?

Casanova: Acho uma boa idéia. Costumo escrever muito em casa. Além do meu trabalho como cineasta, escrevo algum artigo para revistas e jornais de vários estados. Estou escrevendo uma peça de teatro também.

Rita: Onde você trabalha atualmente, além dos Free-Lances?

Casanova: Eu sou VR. Vídeo-Repórter da MVTVCOM. Vendo meus vídeos e filmes independentes para canais de TV a cabo. Colaboro com a Revista Ocas, como voluntário. Além dos jornais Zero Hora, de Porto Alegre e do Correio Brasiliense.

Rita: Está vendo Karol, estamos diante de um insigne intelectual que tem medo de cachorros. Um caso raro. Um caso típico para a psicanálise burguesa freudiana. Seja bem vindo ao seu novo lar, Casanova. Você parece um Marquês. Marquês de Casanova.

Cena Cinco:

Débora, uma moça de uns vinte e dois anos, muito bonita e puritana mais ainda, prepara-se em seu quarto para ir à Faculdade. Ela usa blusa de algodão de mangas compridas abotoadas e cheias de rendas nos punhos e no pescoço. Usa saia comprida e sapatos de salto altos. Baton e maquilagem bem discretos, num rosto que não esconde os traços de uma moça moralista e puritana. Débora pega sua bolsa cafona e alça no ombro esquerdo. Pega sua pasta de plástico branca com a logomarca e nome da Faculdade em letras grandes vermelhas estendidas para os olhos curiosos. Débora chega à lanchonete da faculdade e encontra um amigo. Ele fica feliz com sua chegada. O rapaz levanta-se e dá um beijo no rosto da moça, que parece não gostar muito. Ela esquece o beijo e coloca a pasta e os cadernos sobre a mesa. Seu amigo puxa a cadeira gentilmente para ela. A moça puritana agradece ao amigo.

Débora: Obrigada, Rachid Farid. E o pessoal, ainda não chegou?

Rachid Farid: Não vi ninguém ainda. Nossa Senhora do Deserto Marroquino, Débora, como você está linda! Desse jeito eu acabo ficando mais apaixonado por você. (O rapaz tenta pegar na mão de Débora. Ela esquiva-se e fica vermelha)

Débora: Pára com isso, Rachid Farid. Você não sabe que tenho namorado e que gosto muito dele? Você é apenas meu bom amigo. Lembre-se sempre disso. E por favor, não complique as coisas.

Rachid Farid: Mas Débora, esse cara não gosta de você. Ele é um tremendo aproveitador. Um imoral. Um garanhão. Ele é um cara vulgar...

Débora: Chega. Basta, Rachid Farid. Olha, Rachid, sou sua grande amiga e colega de curso, mas se você insistir nessa conversa, sou obrigada a acabar com nossa amizade. Meu namorado pode ser o que for, o que não é verdade, mas mesmo assim, eu gosto muito dele. Eu o amo muito. Espero que você entenda isso de uma vez por todas.

Rachid Farid: Perdão. Desculpe-me, Débora. Só falei tudo isso por que a amo. Você sabe disso.

Débora levanta-se, pega sua pasta e caminha faceiramente na direção da sala de aula. Seu andar sonso de moça certinha não nega sua descendência de família moralista e religiosa. Seu pai certamente é um membro da TFP, fanático da Opus Dei ou Cavaleiro do Evangelho. A moça puritana caminha, tranqüilamente pelo campus de sua faculdade, sob olhares libertinos e maldosos vindos de todas as direções, seguida pelo seu amiguinho inseparável, que também tem traços de rapaz puritano e moralista.

Cena Seis:

O telefone da casa de Rita toca. Karol corre e atende.

Karol: Alô! Ah, o Casanova? Sim. Ele está. Mas acho que está no banho. Um momento que vou chamá-lo. Quem gostaria de falar com ele? Ok, só um minuto. Ou você prefere ligar no celular dele mais tarde? Está bem. Então vou chamá-lo.

(Ela deixa o aparelho sobre a mesinha da sala e corre para o quarto do hóspede que já tinha saído do banheiro e chama Casanova)

Karol: Telefone para você.

Casanova: Você sabe quem é?

Karol: É uma tal de Débora.

Casanova está só de calção e terminando de se enxugar com uma toalha vermelha. Karol fica parada na porta só observando-o com uma carinha de menina sapeca e cheia de tesão. Provavelmente pensando se agüentaria ficar sozinha em casa com ele sem tentar agarrá-lo e dar-lhe uma mordidinha em sua boca carnuda convidativa. Ele olha fixamente para ela com o mesmo tesão, mas não diz nada. Depois vai atender o telefone.

Casanova: Alô, alô! Débora? Onde você está? Mas quem te deu meu novo telefone? Por que não ligou no celular? Pois é, me mudei ontem. O pessoal lá do CRUSP disse que está sentindo muito minha falta. Deixei meu telefone residencial, além do Celular, para quem quisesse ligar. Que sumido o quê! Estou trabalhando pra cacete. O quê? Não, não posso vê-la hoje. Talvez só no final de semana. Tenho muito trabalho. Eu te ligo depois. Um beijo. Tchau. Está bem. Está bom, Débora. Até mais. Outro.

Karol: Aí, hein! Está apaixonado! Arrasando corações. Casanova, o Marquês francês. O arrasador de corações das mulheres solitárias!

Casanova: Não senhora. Mesmo que estivesse apaixonado eu não falaria. Só se fosse por você.

Karol: Então quem era a belezoca felizarda que conseguiu te achar sem você dar o seu novo número de telefone? Era sua irmãzinha?

Casanova: Não, princesinha! Não era minha irmãzinha porque não tenho irmã. Só um irmão de adoção, que mora com meus pais adotivos no Paraná.

Karol: Ah, é? Então, desculpe-me a curiosidade. Quem era então?

Casanova: Era a chata da Débora. Uma moça pra lá de puritana que insiste em querer ser minha namorada. Mas já disse a ela que não temos nada em comum. Ela ligou para meus amigos da moradia da USP e eles deram meu novo número. Mulheres! Elas conseguem tudo que querem. Mas não é nada sério que eu não possa resolver.

Casanova volta para seu quarto. Ele percebe logo o que a ninfeta queria dizer com “felizarda”. Ele coloca uma camiseta preta e senta-se à mesa do computador e começa a escrever. A porta continua aberta. Karol pega o livro, “O Apanhador no Campo de Centeio” e começa a lê-lo no sofá da sala. Ela está só de shortinho curto de seda vermelho e blusinha branca de alça e sem soutien. Vez ou outra levanta os olhos das páginas e olha para a porta do quarto do novo amigo e hóspede-agregado.

Casanova está em seu quarto escrevendo. Levanta-se da cadeira e abre a gaveta do armário. Pega um livro de Charles Bukowski. Lê uma frase e torna a fechar o livro. Vê a pasta do LAP TOP sobre a mesa do quarto e abre o zíper da lateral. Tira algo e examina. Olha fixamente para o achado e vira-se para a porta que está aberta. Pega uma caixa de fósforos e coloca no bolso do short. Olha novamente para o objeto achado e fica pensativo. Caminha pelo quarto e olha para a sala onde está a ninfeta. Pára na porta do seu quarto e fica observando Karol, que está absorta em sua leitura. Ela percebe sua presença na porta do quarto e sua admiração. Ele está inquieto. O objeto achado parece ser um cigarro amassado. Ele apanha o “cigarro amassado” e coloca no outro bolso do short e ensaia sair do quarto. Karol pergunta da sala em tom de interesse e curiosidade.

Karol: Casanova, você já leu este livro? Conhece o escritor americano J D Salinger?

Casanova: Claro que conheço. É um dos meus preferidos. Já li tudo que ele escreveu. Li cinco vezes o “Apanhador...” E você, o que está achando?

Karol: Estou amando. Todas as minhas amigas do colégio também estão lendo. Ganhei o livro da Rita, minha mãe. Depois que li o começo para minhas amigas, todas elas compraram e estão lendo e adorando também. E a sua peça teatral? Como vai se chamar?

Casanova: Estou pensando ainda. Mas acho que vai ser “A Filha da Rizoleta”.

Karol: Pelo título deve ser uma comédia. Acertei? Eu prefiro comédia a dramas.

Ricardo: É surpresa. Quando estrear você ficará sabendo.

Karol: Então você pretende montar logo? Não vejo a hora de você terminar para eu ver a montagem. Eu e a Rita teremos o maior prazer em ir te prestigiar na estréia.

Casanova: Espero terminar logo. Conheço um grupo teatral da Eca que quer montar minha peça. Karol, existe alguma praça arborizada aqui perto? Gostaria de dar uma volta para espairar as idéias um pouco.

Karol: Claro que tem. Fica a três quadras daqui. Venha aqui na janela que vou te mostrar.

Casanova se aproxima da janela e Karol aponta indicando a localização. Casanova olha com interesse. A ninfeta encosta-se na janela e fica ao lado do escritor, que ouve atentamente a informação da garota. Ela encosta-se nele. Seus seios quase tocam o corpo do jornalista. A situação é de curiosidade e interesse de ambos. Casanova se afasta e dirige-se para a porta de saída do apartamento. Karol fica encostada na janela olhando para

Casanova, que abre a porta e sai de casa. Ele sai e ela volta para sua leitura. Depois passa a mão sobre os seios e fica pensando no que acabou de acontecer. Enquanto ela mergulha no livro, a porta do apartamento se abre. É Rita que acaba de chegar do consultório.

Rita: Oi, filha! E aí, e o nosso hóspede já chegou? Está o maior silêncio aqui.

Karol: Já sim. Mas ele deu uma saída. Foi dar uma volta na praça. Acho que ele sentiu falta da natureza e do seu habitat lá da USP. E você? Como foi seu dia no consultório?

Rita: Foi tudo bem. O que eu mais quero agora é um banho e relaxar um pouco. Você já lanchou?

Karol: Ainda não. Estou mergulhada no meu JD Salinger. Quero terminar de ler este livro ainda hoje. Depois quero ler os livros do Casanova.

Rita: Então depois que eu tomar um delicioso banho a gente lancha juntas. Boa leitura. Eu também estou super curiosa para ler os livros do nosso Marquês. Ele já te mostrou algum?

Karol: Ainda não. Mas vamos pedir para ele, né?

Cena Sete:

Já passavam das duas horas da madrugada. Casanova dormia profundamente. A porta de seu quarto estava entreaberta. Rita entra em seu quarto lentamente em traje de dormir. Ela usa conjunto de seda rosa. Shortinho e blusinha super sensual. Rita senta-se na cadeira da mesa do computador, pega uma folha sobre a mesa e lê. Coloca a folha no lugar onde estava e fica admirando Casanova, que dorme só de short. Ela se levanta e vai até a janela e fecha a cortina. Cobre Casanova com o lençol e fica parada

olhando para ele. Dá um beijo no rosto dele e sai do seu quarto mordendo os lábios com muito desejo. Vai até o quarto de Karol que dorme como um anjo. Cobre Karol também com o lençol e volta para seu quarto. Deita e fica pensativa. Depois apaga a luz e tenta dormir.

Cena Oito:

Karol, Rita e Casanova tomam café da manhã juntos. Karol está pronta para ir para o colégio. Veste camisa pólo branca, com uma letra em maiúscula vermelha dentro de um círculo também vermelho no lado esquerdo do peito, bem em cima do seu peito de ninfeta de dezoito anos. Peito de ninfeta. Se apertar, sai leite. Usa saia xadrez azul e vermelho bem curta, meias soquetes brancas e tênis vermelho All Star com cordões coloridos. Mochila de lona lilás, com o nome de vários admiradores e amigas, escritos por toda parte. Cabelo arrepiado no topete com gel. O rosto brilha mais que arco-íris em fim de tarde. Rita está pronta e disposta para mais um dia no consultório, para consolar muitos pacientes. Karol termina de tomar seu suco de laranja, pega uma torrada, dá um beijo na sua mãe, dá a volta na mesa e dá um beijo no rosto de Casanova e sai correndo para mais uma aula de sacanagem com suas amiguinhas no colégio mais conservador da cidade. Colégio Mackenzie, de origem americana. Rita levanta a xícara de café com leite, toma um gole e fica olhando para Casanova. Ele devora uma fatia de melão caprichada. Ela puxa conversa.

Rita: O que quer dizer “...na China ainda se fala Chinês com um sotaque Francês”?

Casanova: Ah, andou lendo meus poemas? Você não entendeu?

Rita: Não. Nunca ouvi falar de coisa mais maluca.

Casanova: Você me acha muito maluco?

Rita: Talvez. Isso não importa. O que importa é o que sentimos.

Casanova: E o que você está sentindo?

Rita: Essa noite eu fui ao seu quarto e o vi dormindo como um anjo, quase nu, e nada aconteceu. Mas isso não significa que eu não tenha sentido nada. A libido sexual da mulher é mais controlada que a do homem.

Casanova: Somente de algumas mulheres. Outras, são mais taradas que muitos homens. Eu sei que você foi ao meu quarto. Fingi que estava dormindo.

Rita: E por que você não falou comigo? Ficou com medo?

Casanova: Existe hora para tudo. Não estamos conversando agora?

Rita: E o que você está sentindo agora?

Casanova: O mesmo que senti ontem à noite. O mesmo que você está sentindo: Tesão.

Rita: Mas, eu sei controlar minha libido.

Casanova: Engraçado. Eu já não consigo. Quem sabe você pode me ajudar. Passe no meu quarto, hoje, outra vez. Tchau. Até a noite. Estou atrasado. Preciso ir.

Rita: Quer uma companhia até o Metrô? Vou pegar a Linha Azul. E você?

Casanova: Boa idéia. Também vou pegar a Linha Azul. Preciso dar uma passada na redação da Playboy. Vou escrever um conto erótico sobre a Campus Party.

Rita: Humm!! Que chique. Quero ler antes de ser publicado. E quero ler seus livros também. Qual deles vai me emprestar primeiro?

Casanova: Para começar, pode ser minha obra-prima: A Elaboração. Depois, te dou os outros. Vamos nessa.

Cena Nove:

Karol sai do colégio e comenta com suas amigas do terceiro ano colegial.

Karol: Meninas, eu tenho uma novidade para contar para vocês. Vocês não vão acreditar no que aconteceu.

Amigas: Vai, Karol. Conta logo. Aposto que é sobre algum namorado que você arrumou.

Karol: Mais que isso. Muito mais. É sobre um gato que está morando lá em casa. Estou tri louca por ele. Minha mãe colocou um anúncio no jornal Primeiramão para alugar o quarto de hóspede e o primeiro que apareceu foi ele. Casanova. Um super gato de uns trinta e cinco anos. Jornalista, escritor e cineasta. Meus Deuses! Não sei o que faço para me segurar e não atacá-lo. Ele é demais. Acho que não vou resistir.

Amigas: Casanova?? Conta mais. E ele? O que ele achou de você?

Karol: Sei lá! Só sei que ele é um príncipe encantado. É um gênio intelectual. E que não vou resistir sem dar umas mordidas naquela boca linda e carnuda.

Amigas: Mas, e se sua mãe descobrir?

Karol: Se descobrir, descobriu, ué. Não mandei ela alugar o quarto para um gato como o Casanova. Além do mais, minha mãe é super liberal e é minha melhor amiga. Aposto que ela também ficou caídaça por ele. Conheço minha mãe muito bem. Agora ela é solteira e ainda é super nova. Ela tem o direito de se apaixonar quantas vezes quiser.

Amigas: Não vai dizer que você está pensando em ficar com o mesmo homem que sua mãe está a fim dele?

Karol: Por que não?

Cena Dez:

Casanova entra no Campus da Universidade Mackenzie. A primeira pessoa que ele encontra sentada na lanchonete do prédio do curso de Arquitetura é a última pessoa no mundo que ele gostaria de encontrar: Rachid Farid. O estudante encara Casanova e balança a cabeça num gesto de desaprovação da aparição do jornalista.

Casanova: Ei, “amigo”. AMIGO DO INIMIGO. Você viu a senhorita Débora por aí?

Rachid Farid: Ela está na capela. Você quer ir lá?

Casanova: Não. Vou esperar aqui. Escuta, Rachid Farid, sabe que você tem uma cara de gênio?

Rachid Farid: Pare com isso, Casanova. Não precisa provocar. Aposto como a Débora comenta meu desempenho em sala. Tenho dificuldade em acompanhar a turma.

Casanova: Talvez você seja um tipo raro de gênio. Uma espécie em extinção.

Rachid Farid: Como assim? Nunca ouvi falar nesse tipo de gênio.

Casanova: Nunca ouviu falar? É o famoso gênio retardado.

Rachid Farid: Não entendi. Olhe a Débora ali. Ela está vindo.

Débora: Oi, amor. Que bom vê-lo. Sobre o que vocês conversavam?

Casanova: Eu disse que é mais fácil o Espírito Santo botar um ovo bem peludo, do que o seu amiguinho Rachid Farid me ver entrar naquela capela.

Débora: Amor, deixe de ser incrédulo. Se você não acredita, não zombe.

Rachid Farid: Pai do céu! Você é ateu? Que coisa horrorosa.

Casanova: Horrorosa para você que é um gênio retardado. Mas pensando bem, não sou ateu. Acredito em São Tomé. Só acredito vendo.

Débora: Paixão, não fale assim com o Rachid Farid. Ele é legal.

Casanova: Tá legal. I'm sorry, Mr. Rachid Farid. Um abraço a você. Adeus!

Débora: Amor, vamos dar uma volta. Precisamos conversar sobre nós.

Cena Onze:

Casanova está sozinho em casa no seu quarto escrevendo no computador. Karol chega da rua e corre para ver se ele já está em casa. Ela pára na porta e fica toda feliz quando vê o novo amigo. Disfarça e o cumprimenta meio sem jeito.

Karol: Oi, tudo bem? Chegou primeiro que todo mundo? Como foi seu dia hoje?

Casanova: Oi, Princesinha. Foi um dia normal.

Karol: Ué, você não trabalha? Já em casa a essa hora?

Casanova: Ah, é? E o que estou fazendo agora? Por acaso estou brincando? Escrever peças teatral, contos para revistas e livros não é trabalho?

Karol: Não. Não é isso. Eu quis dizer trabalhar fora. Ainda não são quinze horas e você já está em casa.

Casanova: Você sabe qual é a jornada de trabalho de um jornalista?

Karol: Sei lá..., umas dez horas por dia.

Casanova: Não, Princesinha. A jornada normal de um jornalista é de cinco horas. Mas a maioria dos jornalistas tem mais de um emprego. Você não quer ser jornalista também? Precisa saber disso.

Karol: Claro que quero. E você tem quantos empregos?

Casanova: Fixo, nenhum. Prefiro trabalhar pouco e produzir muito. Já vendi minha força de trabalho antes. Agora estou produzindo apenas para mim. Mas, às vezes, faço uns bicos para jornais e revistas, quando me pedem.

Karol: O que você está escrevendo? Posso ver? É a sua peça teatral?

Casanova: É. Claro que pode. Olha o que já escrevi hoje.

Karol entra no quarto e começa a ler o texto na tela do computador. Enquanto ela lê o texto, Casanova fica olhando para ela e admirando seus lindos peitos debaixo da blusa pólo branca. Ela termina de ler e dá um sorriso para ele.

Karol: Que legal! Parabéns, gato. Espero que você consiga montá-la logo. Estou super curiosa para ver tudo isso no palco. Mas por que a “Filha da Rizoleta”? É alguma musa sua?

Casanova: Não. Pelo contrário. Essa Rizoleta é, talvez, a mulher mais puritana do mundo. E o tema central é o moralismo recalcado da sociedade puritana e religiosa. Claro que é uma estória de ficção.

Karol: E quem é a filha? O que ela faz na peça?

Casanova: Ela é o reflexo no espelho da peça. Todo o puritanismo da mãe reflete na filha. A filha nasce e convive com uma família puritana, cresce sob pressão religiosa. A tendência é ela ser uma moça moralista como sua família.

Karol: Casanova, você me acha muito moralista?

Casanova: Não Princesinha. Você não é nem um pouco moralista. Aposto como você, com seus dezoito aninhos, já sabe de muita coisa...

Karol: Posso te contar uma coisa? Você promete não contar para a Rita? Aliás, é sobre você.

Casanova: Tudo bem. Mas o que é que tenho eu?

Karol: Eu sonhei com você...

Casanova: Comigo? Bah! E o que é que tem demais sonhar comigo, que a Rita não pode ficar sabendo?

Karol: Eu sonhei que... Casanova, eu posso sentar no seu colo?

Casanova: Não. Você ficou louca? E se a Rita chegar de repente? O que ela não vai pensar de mim? Você vai contar o sonho ou não?

Karol: Só se você me deixar sentar no seu colo.

Casanova: Ta legal. Mas só hoje, hein. Não vá se acostumar.

Karol senta-se no colo de Casanova e fica olhando para ele e passando a mão no seu rosto.

Karol: Eu sonhei que estava fazendo amor com você. Gozei duas vezes dormindo. Acordei toda molhadinha.

Casanova: Ah, é? E como foi? Você gostou?

Karol: Foi ótimo. Eu adorei. Você era muito gostoso. Pena que foi só no sonho.

Casanova: Humm!! Então deve ter sido bom mesmo. Engraçado. Eu não sonhei isso. Fiquei foi com vontade mesmo.

Karol: FICOU COM VONTADE? Então você gostaria...?

Casanova: Escute, Princesinha, eu sei muito bem o que você está pensando. Mas pode tirar o cavalinho da chuva.

Karol: Por quê?

Casanova: Karol, você está na idade da razão. Você contou seu sonho, se é que sonhou mesmo, para suas amiguinhas do colégio?

Karol: Lógico. Minhas amigas do colégio são todas fofas e sapecas como eu. Cada dia, uma leva uma revista de sacanagem ao colégio. A gente vai para o banheiro e fica comentando sobre quem tem o pau mais gostoso e maior. De todas as meninas da minha sala, a única que ainda não trepou, que ainda é virgem, sou eu.

Casanova: Por quê? Ainda não teve oportunidade?

Karol: Acertou.

Casanova: Você sabia que na França e na Escandinávia as mulheres mais liberais costumam convidar seus parceiros, ou os caras que elas gostam, para fazer amor, quando ficam com vontade?

Karol: Sei sim. Você quer que eu o convide?

Casanova: Não. Se você fizer isso, eu vou dizer não.

Karol: E por que não?

Casanova: Por dois motivos: primeiro, porque você é uma ninfeta que não tem nem pêlo pubiano...

Karol: Tenho sim, senhor. Quer ver?

Casanova: Segundo, eu vou ter um caso com sua mãe. Bem que eu gostaria de ser polígamo, mas é meio complicado. Principalmente com mãe e filha.

Karol: Eu sei que a Rita é louca por você. Mas isso não impede que eu não te queira também. Mesmo que fique sabendo, ela é muito cabeça e vai aceitar numa boa. Você nunca teve fantasia de ter um caso com mãe e filha ao mesmo tempo?

Casanova: Quem sabe um dia.

Karol: Eu sei por que você não quer ficar comigo. É por causa da Rita. Mas eu tenho uma sugestão para resolver esse impasse. Você pode ficar com ela à noite e comigo durante o dia. Ela só chega depois das dezoito horas mesmo. Casanova, eu posso te dar um beijo na boca?

Casanova: Pode.

Karol beija o escritor na boca longamente. Abraço-o, morde-o. Derruba-o no chão. Deita-se sobre ele. Abre sua camisa. Beija todo seu corpo. Coloca a mão dele sobre seus mamilos. Casanova levanta-se, abraça a ninfeta com muito ardor. Tira sua camiseta do colégio. Os peitos aparecem rijos e cheios de tesão. Ela tira a camiseta dele. Depois a sua calça jeans. Karol coloca seus peitinhos na boca do cineasta. Ele beija-os com muito tesão e tara. Ela ainda está só de saia xadrez do colégio. Depois que tira toda a roupa do jornalista, a ninfeta pede para ele tirar sua saia e sua calcinha. O escritor obedece a sua ninfa tarada. Ele está de pau duro como um osso. A platéia fica tesa e com água na boca. A cena é maravilhosa. A ninfeta beija todo o corpo do rapaz. Ela pega seu pau e brinca com ele. Beija-o levemente. Ela goza de prazer, mesmo sem ser penetrada. Casanova estremece. Geme. Resmunga. Ela respira fundo, depois boceja de prazer.

Karol: Ah, meu Deus, como você é gostoso!

Casanova, pára por um instante e respira fundo. Depois pergunta:

Casanova: karol, quantos anos você tem? Você ainda é menor de idade?

Karol: Não se preocupe, bobinho. Já fiz dezoito anos faz tempo. Não sou menor de idade. Pode ficar tranquilo. E quem está te atacando sou eu.

Casanova: Então me mostre sua identidade. Quero ver sua data de nascimento. Não quero complicação para o meu lado.

Karol corre e pega a sua identidade e mostra para Casanova. Ele lê o documento e dá um sorriso de satisfação. O casal de amantes se entrega um ao outro. Amam-se. Casanova permanece deitado no chão. Sua ninfeta deita sobre ele e dá-lhe beijos e mordidas de carícia. Ele beija-lhe os peitos. Ela levanta-se e vai ao banheiro andando dengosamente. Ele a segue e tomam um banho juntos. Depois do banho, ele senta-se em sua cadeira e volta a escrever mais inspirado, isento de qualquer responsabilidade. Saciado até a alma. Passa à cena seguinte de sua peça.

Cena Doze:

Casanova passa o resto da tarde escrevendo. Karol é uma menina inteligente e responsável. Faz todo o trabalho do colégio. Limpa a casa para sua mãe. Quando Rita chega do trabalho, fica orgulhosa da filha que tem. O escritor continua em seu quarto escrevendo com dedicação e seriedade. Nenhum vacilo. A Psicanalista entra sorridente e com saudade de um dia, da filha e do seu hóspede especial. Está radiante. Karol está no sofá lendo seu livro preferido. O Apanhador no Campo de Centeio.

Rita: Oi, meu amor! Tudo bem por aqui?

Karol: Tudo ótimo! E você, como foi no trabalho?

Rita: Bem. A mesma lenga-lenga de sempre. E o nosso hóspede, como vai? Ele já chegou?

Karol: Acho que vai bem. Ficou trancado no quarto a tarde inteira. Quando cheguei, ele já estava em casa trabalhando como um furacão. Escritores!

Rita: (Para Casanova) Olá, poeta! Como vai? E essa peça sai ou não sai?

Casanova: Olá! Doutora! Como vai a salvadora dos aflitos?

Rita: Você quer jantar com a gente?

Casanova: Não. Muito obrigado. Preciso sair com uma amiga.

Rita: Não vá se esquecer do nosso acordo.

Casanova: Pode deixar. Vou pensar no assunto. Sou um cidadão honesto e responsável.

Rita: Eu sei. Sua cara não nega.

Rita sai seguida por Karol. Casanova se espreguiça na cadeira giratória de seu quarto. Dá um sorriso de satisfação e pega o telefone celular na escrivaninha. Disca um número e espera.

Casanova: Alô, Débora? Sou eu. Quem? O Casanova. O Marquês de Casanova, porra. Escute, quer passar aqui para a gente sair. O QUÊÊ? Nem pensar. Você sabe que não vou aí, na sua casa, nem que Jesus Cristo desça à terra e me peça de joelhos. Estou te esperando. Oito horas está bom. Sabe onde é? Metrô Paraíso.

Cena Treze:

A campainha toca. Karol abre a porta. Aparece a moça moralista e puritana.

Débora: Boa noite. É aqui que mora o Casanova? Ele está?

Karol: Sim. Entre, por favor. Vou chamá-lo.

Casanova entra na sala e dá um beijo no rosto da visitante. Ela fica com uma cara de abóbora.

Casanova: Oi. E aí, foi fácil achar meu novo endereço? Karol, essa é a senhorita Débora.

Karol: Olá, muito prazer.

Débora: Eu sou a namorada do Casanova. Parece que já nos falamos ao telefone.

Casanova olha fixo para Karol. Ela repete o gesto e fica calada com pena do amigo. Rita entra na sala.

Casanova: Rita, esta é a Débora. Uma amiga minha.

Rita: Olá, como vai a senhora?

Débora: Vou bem, e a senhora? Amor, vamos indo? Temos muito que conversar.

Casanova: Tchau, meninas. Preciso ir agora. A gente se fala. Beijinhos.

Cena Quatorze

Casanova e Débora sentam-se à mesa de um restaurante árabe. O proprietário é alguém casualmente muito conhecido de Débora.

Ele fica feliz com a presença da amiga, mas não fica nada feliz com a presença de seu rival. Rachid Farid vê o casal em seu estabelecimento. A musa do árabe folheia o cardápio. Casanova coloca as mãos entre as pernas, sob a mesa. Três moças bonitas sentadas ao lado de sua mesa olham para o jornalista. Ele usa óculos redondos de lentes coloridas-escuras. O jornalista olha para elas e fica de pau duro. A musa do árabe nada percebe. Finalmente, ela decide pelo pedido.

Débora: O que você vai quer comer?

Casanova: Uma buceta acho que ia bem.

A puritana fica pálida. Perde a voz. Coloca as mãos no rosto. Olha para os lados. Respira fundo e cria coragem.

Débora: Misericórdia! O que foi que você disse? Não. Pelo amor de Deus, não repita. Casanova do céu, você está demais ultimamente. O que está acontecendo com você? Onde está o Casanova intelectual e escritor que conheci? Você está irreconhecível.

Casanova: Cansado. Estou cansado do seu falso moralismo. Do seu puritanismo. Chegou a hora de ver a lua nascer. Então, está preparada para fazer amor hoje?

Débora: O quê? Você ficou louco? Pirou de vez? Está certo que te amo. Mas nem pense que vou fazer amor com você antes de me casar. E minha dignidade, onde fica? E minha família? O que minha mãe, meu pai e meus irmãos vão pensar de mim? Além do mais, é pecado transar, fazer amor, antes do casamento. Isso é adultério. É um pecado capital.

Casanova: Ah, é mesmo? E o seu moralismo doentio não é pecado, né?

Débora: Você não entende. Você é cético a tudo e não dá a mínima para a sociedade.

Casanova: E o que é que você está fazendo aqui comigo?

Débora: É porque te amo muito. Mas você não quer entender as coisas.

Casanova: Ama porra nenhuma. O amor não existe. Não como vocês dizem. Um homem não ama uma mulher à toa. Ele ama a buceta dela. O amor das mulheres é o tesão. É um pau bem grande e grosso. Ninguém ama ninguém. Talvez os esquimós amam de verdade. A raça humana está em decadência. O que existe é interesse. Muito interesse.

Débora: Pelo amor de Deus, Casanova. Olhe a postura. Não faça escândalo. Vamos embora.

Casanova: Não. Ninguém vai embora. Agora você vai me ouvir. A verdade dói muito. A verdade corrói corações. Todo mundo foge da verdade. O preço do seu moralismo barato vai lhe custar caro. Você não quer sua virgindade até o casamento?

Débora: Casanova, vamos embora. Não complique, por favor.

Casanova: Está vendo? Você está sempre fugindo da realidade. Pois fique sabendo que não vou casar com você, porra nenhuma. Nem com você e nem com ninguém. Guarde sua vagina intacta para seu maridinho. Aproveite e peça o dono dessa espelunca aqui em casamento. Ele vai aceitar na hora.

Débora: Eu sempre soube que você era louco. Mas jamais pensei que chegaria a tanto. Não quero te perder, porque te amo. Mas, por favor, não me peça o que não posso te dar. Você é um pirado.

É como a maioria dos homens. Parece um devasso. Parece até o tal de Marquês de Sade.

Casanova: Ah, como a maioria dos homens? Então você pensou que eu era diferente dos outros homens? Diferente em quê? Que eu ia casar com você só porque é virgem? Ou que eu fosse o quê?

Débora: Não. Não é isso. Você não entende.

Casanova: Você é que finge não entender. Será que você não sabe que todo homem só olha para uma mulher pensando primeiro em levá-la para uma cama? A única pessoa em que uma mulher pode confiar de verdade é o pederasta, porque ele não gosta de buceta. Mas cuidado que existe o pansexualismo.

Débora: Você é um louco. Demente. Um Calígula. Um Marquês de Sade. Não é à toa que você é escritor. Aposto como o Rachid Farid não pensa assim.

Casanova: Não. Claro que não. Ele não pensa assim porque é um imbecil e moralista como você. Aliás, a culpa do moralismo e puritanismo de mulheres como você, é dos homens moralistas, conservadores e machistas.

Débora: O Rachid Farid não é machista.

Casanova: Como você é burra! Esse imbecilóide é mais machista que o ex-presidente Jânio Quadros. É mais moralista e reacionário que a TFP inteira. Ah, você está defendendo ele? Então por que não se casa com ele? Vocês fazem um par perfeito. Sem falar que o Ali Babá é louco por você.

Débora: E você? O que você é? Você não passa de um louco sonhador.

Casanova: É isso mesmo. Sou um louco sonhador. Sou um poeta. Sonho com a felicidade de todo mundo. Sonho com a paz reinante entre todos os povos. Sonho com um mundo mais justo para todas as pessoas. Sonho com um mundo sem injustiças sociais, sem perseguição de raças, sem discriminação, sem preconceito. Sonho com um mundo melhor. Sem sociedade decadente movida por padrões simulacros. Sou um louco sonhador perseguido pelo moralismo reacionário e hipócrita de vocês. O que pode causar minha desgraça não é a minha maneira de pensar. É a maneira de pensar dos outros. Eu sempre fui eu mesmo e nunca expliquei ao mundo por que prefiro viver minhas emoções e escutar meus próprios desejos.

Débora: Não adianta, Casanova. Não vou mudar minha maneira de pensar. Eu me sinto bem assim e vou continuar como sou até casar. Aprendi que a mulher deve ser fiel ao marido mesmo antes de se casar. Por isso, vou me casar virgem.

Casanova: Parabéns! Você merece um prêmio. Merece uma coroa de rainha. Melhor. Merece um manto de santa. Santa Débora! Que maravilha! Santa Débora, rogai por nós.

Débora: Chega, Casanova. Vamos embora. Já perdi o apetite de comer.

Casanova: Esquece, Débora. É melhor você me esquecer. Não estou com saco para aturar tanto moralismo de uma vez só. Adeus, Santa Débora. Não me procure mais. Ah, e não esqueça de manter sua virgindade. Os machistas e moralistas adoram moças virgens.

Débora: Casanova, espere. Vamos conversar. Não. Não, vá...

O escritor levanta-se para sair e olha para as três moças da mesa ao lado que tinha ouvido toda a conversa do casal de brigões. Antes de sair, pergunta para elas:

Casanova: E vocês? Também são virgens? Querem comprar uma virgem?

(As moças dão risada e balançam a cabeça negativamente. Ele vai embora.)

Cena Quinze:

Casanova sai do restaurante árabe e uma pessoa muito interessada e atenta chega à mesa de Débora. Exatamente o dono do restaurante, Rachid Farid.

Débora: Querido Rachid, que bom que você apareceu. Sente-se aqui. Preciso tanto de um ombro amigo para me desabafar. Você nem imagina o que o louco do Casanova me aprontou. Ele é um imoral. Um degenerado e herege. Deveria se chamar Marquês de Sade. E não Casanova.

Rachid Farid: Bem que eu te avisei. Esse cara não presta. Ele é ateu. Ele não serve para você, que é um amor de pessoa. Você precisa de alguém mais sério. Homem de verdade como eu.

Débora: também não é assim. Ele é louco, mas é um cara legal. O excesso de liberalidade é que estraga o Casanova. Além do mais, ele é intelectual. É artista. Não sei por que fui me apaixonar por um escritor. E ele é um dos melhores deste século XXI. Acho que todo intelectual é assim. E o pior é que eu gosto dele.

Rachid Farid: Vai com calma, Débora. Tenho certeza de que você vai conseguir esquecer esse cara o mais rápido possível. Conte comigo para o que você precisar. Terei o maior prazer em te

ajudar a esquecer esse tal Casanova. Já ouviu falar do tal Marquês de Casanova francês do século XIX? Esse é igualzinho. Deve ser a reencarnação do francês.

Cena Dezesseis:

Casanova entra em casa e passa rápido pela sala onde estão Rita e Karol sentadas conversando. Ele diz “Oi!” e vai direto para seu quarto. Senta-se à mesa do computador e começa a escrever com muita vontade e velocidade. Rita olha para a filha e faz uma expressão de curiosidade. Karol encolhe os ombros e faz uma expressão de dúvida.

Rita: Parece que ele foi mordido por cachorro. O que você acha?

Karol: Acho que foi por uma cachorra. Pelo jeito, o passeio não foi nada agradável.

Rita: Eu também acho. Não vamos perturbá-lo. Ele é maior de idade e sabe o que quer.

Karol: Quem sabe você pode dar uma ajuda. Bem, deixe-me ir dormir. Amanhã é dia de índio. Boa noite, querida mãezinha. Boa sorte.

Rita: Boa noite, filhota. Durma com os anjos. E sonhe com os namoradinhos.

Karol: De preferência um bem gostoso como o...

Rita: O que você disse?

Karol: Nada. Eu sou uma menina inocente. Boa sorte Rita.

Rita: Está bem. Eu te conheço. Sei muito bem o que a senhorita quer dizer. Cuidado! Pega leve. Vai devagar ao pote. Eu te amo! Agora vá dormir que eu vou ver se consigo amansar a fera.

Cena Dezessete:

Casanova está escrevendo como um desesperado. O olho nem pisca. A pupila está dilatada. Mais por nervosismo do que por causa da luz. Rita entra sorrateiramente no quarto. Encosta-se em Casanova. Ele fica paralisado. Descansa as mãos no braço da cadeira. Fica imóvel. Não se assusta com nada. Parece que já aguardava a visita. Não faz barulho. Não olha para os lados e para nenhuma parte. Rita massageia seus ombros, como se ele fosse seu namorado ou parceiro de cama. Ela tira sua tensão com leves toques manuais. Depois tira sua camisa e continua a massagem sem nada dizer. Ele também não fala nada. O silêncio fala pelos dois. Pelo teatro inteiro. A luz é suave no palco. Rita sabe o que deve ser feito para agradar um homem livre e interessante. Nisso ela é boa atriz. Ela tem estilo. Mas tem outra coisa maior: tesão e carência. Carência de uma mulher cheia de vida e de libido. Ela tem carência e tesão. Casanova tem desejo. Ela sabe conquistar um homem que quer se entregar aos braços de uma mulher ardente em fogo do tesão. Ninguém diz nada. Somente as mãos e as mentes dizem tudo. O jornalista se entrega de corpo e alma. Ela usa todas as armas que uma mulher inteligente e sedenta de prazer sabe usar. Rita se diverte de prazer. Ela precisa disso. Casanova também. Ninguém se importa com nada. Nem com a platéia que tem os mesmos desejos. Os espectadores desejam Rita também. Tiram a roupa dela. Comem-na com os olhos atentos. Casanova não tem nenhuma pressa. Afinal de contas, o papel é dele. Ele sabe o script de cor. Ele faz todo o charme do mundo. Sabe provocar a platéia. O ator encosta-se na cadeira e joga a cabeça para trás. Fecha os olhos. Ela gosta e senta-se em seu colo. Beija sua testa, seu rosto, sua boca, seu pescoço, seu corpo. Ele estremece. Ela tira sua blusa e encosta seus peitos na boca de

Casanova, que os devora. Ela geme de tesão. Ele gosta. A platéia também. O silêncio no teatro é total. Os dois estão a ponto de explodirem de tanto tesão. Rita levanta-se e pega o jornalista pelo braço e o leva até a cama. Ela termina de tirar a roupa dele e pega suas mãos para tirar o que resta de sua roupa. Shortinho e calcinha. Ele obedece sem nada dizer. Casanova estende a mão até a gaveta da mesinha de cabeceira e pega uma camisinha. Depois entrega para ela que se encarrega do resto. Eles se amam pela primeira vez. Entregam-se um ao outro como dois animais no cio. Ela está no cio.

Rita: Lindo! Maravilhoso! Bárbaro! Você é muito mais que tudo isso. Você fica lindo assim, todo pelado. O que achou da terapia para acabar com excesso de tensão? De stress?

Casanova: Você tem certeza de que quer uma resposta? No stress!

Rita: Não. Pode deixar que eu mesma descubro sozinha.

Casanova: Pena que muita gente, os moralistas, principalmente, não sabe que a melhor terapia do mundo é uma boa trepada. Sexo é a melhor coisa do mundo.

Rita: Pelo jeito, você foi atacado por um moralista.

Casanova: Por um, não. Por todos. Acho que sou uma vítima do moralismo universal.

Rita: O que foi? Brigou com ela?

Casanova: Eu não brigo nem com uma mosca. Só não suporto a burrice das pessoas. Mas já passou. Você já me curou. Você é a melhor psicanalista do mundo e tem um excelente método para curar baixo astral.

Rita: Isso, porque você é um paciente especial. Tenho certeza de que com o meu método você vai esquecer todas as moralistas do mundo.

Casanova: Tomara!

Rita: Sabe de uma coisa, querido, eu gosto do seu jeito. Todo cara irreverente é corajoso. Essa sociedade moralista e hipócrita metida a burguesa precisa levar uma boa lição de rebeldia e irreverência de escritores como você, que faz o gênero “POUR ÉPATER LE BOURGEOIS”.

Casanova: Não adianta, Rita. O moralismo não tem cura. Principalmente num país católico e protestante como o Brasil. Por acaso você sabe quem foi o maior escritor ou artista que sempre fez tudo por “POUR ÉPATER LE BOURGEOIS” no Brasil?

Rita: Oswald de Andrade?

Casanova: Ele foi um dos maiores. Mas o maior de todos, o que merece o título, foi, sem dúvida nenhuma, o Artista Plástico Flávio de Carvalho. Ele foi contemporâneo de todos os grandes artistas da semana de arte moderna e barbarizou a sociedade de sua época. Ele foi um devasso do modernismo. Sabe o que o Flávio de Carvalho aprontou em plena década de vinte e nas décadas seguintes?

Rita: Botou os moralistas para correrem.

Casanova: Também. Mas ele foi mais audacioso ainda.

Rita: Esse Flávio de Carvalho não é aquele da procissão da Rua Direita?

Casanova: Esse mesmo. Imagina desafiar a sociedade da época e andar de encontro a uma procissão com chapéu na cabeça e de guarda-sol aberto. Isso era uma heresia e ele fez isso. Teve que correr e fugir pelos telhados das casas para não ser linchado.

Rita: Eu sei quem é. Além de irreverente ele era um tremendo sibarita. Aliás, ele e o Oswald de Andrade foram os maiores sibaritas que São Paulo já teve. Cuidado para você não se tornar um sibarita também.

Casanova: Mas isso não é nada. E a provocação que ele fez ao inventar um saiote como moda para os homens? Claro que não pegou. Ele foi o único a usá-lo e escandalizar a sociedade decadente da época. Você quer ver o que escrevi hoje?

Rita: Ah, claro que quero sim.

Casanova: Ouça. Vou ler para você. É a cena dezessete. O personagem principal, o tal de Henry Miller está escrevendo em seu quarto. Ele é um escritor pobre e anônimo que vive de favores de amigos e amantes para sobreviver. O olho nem pisca. A pupila está dilatada. Mais por felicidade do que pela luz. Mona, uma linda mulher jovem, entra no quarto. Ela encosta-se no escritor. Ele paralisa seu trabalho. Descansa as mãos sobre o teclado da máquina de escrever. Fica imóvel. Não se assusta com nada. Parece que já aguardava a visita. Não faz barulho. Não olha para nenhuma direção. Mona massageia suas costas e seus ombros. Ele gosta. Ela tira sua camisa e continua massageando. Ninguém diz nada. O silêncio fala pelos dois. Pelo teatro inteiro. A pouca luz ajuda a entender melhor o que se passa no palco. Mona sabe o que deve ser feito. Ela diverte-se como uma louca desvairada e no cio. A mulher precisa disso. Precisa de carinho. Eles não se importam com a platéia. Os espectadores comem Mona com os olhos. O escritor não tem nenhuma pressa. O papel é dele. A cena é dele. Ele sabe o script de cor. Não tem nenhuma preocupação.

Não se importa de deixar que Mona tome conta da situação. Henry Miller encosta-se na cadeira e joga a cabeça para trás. Ela monta a cavalo, de frente para ele. Tira sua blusa e encosta seus lindos peitos em sua boca. Ele os devora com muita tara e desejo. Ela gosta e geme de prazer. Goza de prazer. Ele resmunga e geme também. Ela quer beijar o último néctar do colibri. Mona sai de cima do amante e o pega pela mão e o leva para uma cama. Tira o resto de sua roupa. Ele faz o mesmo. Tira-lhe a saia e a calcinha. Fazem amor como dois animais no cio. Ela parece uma gata no cio. Quer sempre mais. Ele finalmente abre os olhos e diz para ela que estava precisando daquilo há muito tempo. Depois a beija demoradamente. O que achou? Gostou?

Rita: Bah! Que loucura! Viva o novo Jean Genet! Você tem futuro. Adorei!

Casanova: Obrigado. Agora só falta convencer um mecenas para produzir a peça. Você acha que consigo?

Rita: Claro que consegue. Quando for montar a peça e precisar de atriz, se você for o ator que interpretará tal de Henry Miller, me chame que eu faço o papel de Mona.
(As luzes se apagam.)

Cena Dezoito:

Débora atravessa o palco de mãos dadas com Rachid Farid. Estão felizes por se entenderem bem. Conversam animadamente como o casal mais feliz e perfeito do mundo. Rachid Farid está faceiro por ter, finalmente, conquistado o coração de sua amada. Seu orgulho contrasta com seu caráter moralista. Sua roupa cuidadosamente passada dá-lhe a altivez de um cidadão sério e puritano. O vestido e modos puritanos de Débora fazem o árabe o homem mais feliz da terra. Eles se parecem muito um com o outro e se merecem. Saem de cena. As luzes se apagam.

Cena Dezenove.

Karol está em casa, sozinha na sala. Ela cruza e descruza naturalmente as belas pernas de ninfeta sapeca. A calcinha branca é vista, a cada movimento, sob a minissaia do colégio. Ela lê o livro “Ovelha Negra”, do escritor Maggiar Villar de Casanova, a maior revelação da literatura brasileira do começo do século XXI. Rita está na cozinha. A ninfeta fecha o livro no meio e fica pensativa. Morde os lábios. Fecha os olhos. Torna a abri-los e finalmente decide o que quer. Ela dá um soco no sofá. Deita-se de bruços e levanta as duas pernas, deixando a calcinha totalmente à mostra. Depois grita:

Karol: Rita, onde está o poeta?

Rita: Quem? (Pergunta a outra)

Karol: O Casanova.

Rita: Saiu. Por quê?

Karol: Por nada. Não o vi hoje.
(Rita entra na sala)

Rita: O que foi? Está com saudade dele?

Karol: Estou sim. Por quê? Está com ciúmes?

Rita: É. Pode ser.

Karol: Rita, eu sei que você gosta do Casanova e que vocês têm um caso. Mas eu posso te contar uma coisa? Eu também estou apaixonada por ele. Posso dar uma sugestão? Eu fico com ele de dia e você fica à noite. Não se preocupe que não vou roubá-lo de

você. Ele dá para duas e ainda sobra. Assim, não brigamos e as duas ficam satisfeitas. O que acha da idéia?

Rita: Você não tem jeito mesmo, hein, menina safadinha?

Karol: Rita, depois que o Casanova veio morar aqui em casa, nossa vida mudou, não é mesmo? Parece que ele trouxe a nossa felicidade que faltava. Aposto como você também pensa assim. Acertei?

Rita: Mas se você não tivesse me roubado o poeta, eu estaria mais feliz ainda.

Karol: Oh, mãezinha...querida, não o roubei. Apenas estamos dividindo o mesmo homem.

Rita: Ok, você venceu. Mas só aceito essa sociedade porque você é minha filha e eu te amo muito. Você fica me devendo essa.

Cena Vinte:

Casanova entra escafedendo e esbravejando na sala. Rita e Karol ficam assustadas. Ele parece possesso.

Casanova:....DESGRAÇA...Ô,DESGRAÇA.DEMÔNIO...
SATANÁS... QUE DESGRAÇA... Parece coisa do demônio.

Rita: Calma, Casanova. O que foi que aconteceu?

Casanova: É o cão. Um baita cão de uma moça aí da rua me deu o maior susto do mundo. A imbecil veio com um puta cão Fila ao meu encontro e me pegou de surpresa. Os olhos dele brilhavam como brasa. Ele me olhou com fúria. Não sei por que diabo nenhum cachorro gosta de mim.

Rita: Acho que é o contrário, Casanova. Parece que você é que não gosta de nenhum cachorro. Por que todo esse medo? Você já foi mordido por algum cachorro?

Casanova: Não. Nunca fui mordido. É que não suporto ver cachorro na minha frente. Tenho trauma e horror a cachorros.

Rita: Não se preocupe. Você não sabe que é melhor ter um cachorro amigo do que um amigo cachorro?

Karol: É verdade. A Rita está certa.

Rita: Acho melhor você tomar um banho e descansar um pouco. Você está muito tenso. Uma sessão de terapia não te fará nada mal. O que você acha?

Casanova: É. Até que não é uma má idéia. Não é mesmo, Princesinha?

Casanova passa a mão no rosto de Karol, que fica sorrindo e olhando ele ir para seu quarto. Ele sabia que a noite seria uma das melhores de sua vida. Mãe e filha trocam olhares cúmplices. As luzes se apagam.

Cena Vinte e Um:

Casanova está sozinho em casa. A campainha toca duas vezes. Ele abre a porta e faz uma cara de surpresa e desânimo.

Casanova: Ô LOUCO, você por aqui?

Débora: Posso entrar? Preciso falar muito com você.

Casanova: Claro. Entre. Mas, que ventos uivantes a traz por aqui?

Débora: Casanova, eu queria pedir desculpas por tudo que aconteceu...

Casanova: Mas o que é isso, Débora? Pedir desculpas de quê? Não aconteceu nada. Aliás, parabéns! Você foi rápida. Não perdeu tempo. Estou sabendo que o seu queridinho Rachid Farid finalmente conseguiu o que tanto queria. Você deve estar eufórica com o seu herói. Sabe que vocês fazem um casal perfeito? No duro mesmo.

Débora: Mas eu ainda gosto de você. Só estou namorando o Rachid Farid porque... porque...

Casanova: Porque. Porque... Só para me deixar com ciúmes. Não é isso? Está vendo? Porra, Débora, você está usando o babaca. Está brincando com o sentimento das pessoas. Você acha isso justo, Santa Débora? Isso também não é pecado? Esse imbecilóide pensa que conquistou você para sempre. Ele sente ciúmes de você. Cuidado que é um ciúme doentio. Quero só ver a cara do idiota quando você der um chute no traseiro dele. Esse bicho é doente por você. Ele pensa que te ama. As pessoas confundem tesão com paixão. Tesão não é amor. Amor é um sentimento puro e divino. O verdadeiro amor dura para sempre. Se acabar, aí, não é amor. É apenas paixão.

Débora: Mas eu te amo. Eu juro.

Casanova: Débora, olhe para mim. Ama porra nenhuma. Quem ama não tem ciúme doentio. O mundo está cheio de pessoas como você e seu herói Rachid Farid. É dele que você precisa. Olhe para esses caras aí.(aponta para a platéia). Você acha que tem algum sujeito aí que não é ciumento? Pergunte para eles. Você disse que queria pedir desculpas. Já pediu. O que mais você quer de mim?

Não vai dizer que veio aqui para falar sobre sexo? Que mudou de idéia?

Débora: Pare com isso, Casanova. É só sobre sexo que você sabe falar?

Casanova: E por acaso, existe outra coisa melhor para se falar, do que em sexo? Aliás, de sexo não se fala. Faz-se. Sabe qual é a melhor coisa do mundo?

Débora: Deus!

Casanova: É mesmo?

Débora: É.

Casanova: Que Deus o quê. Se fosse Deus, o mundo estaria bem melhor. A melhor coisa do mundo é o sexo. Faça uma pesquisa e descubra você mesma.

Débora: Você é louco mesmo. É um herege de marca maior.

Casanova: Você disse tudo. Eu sou um louco. Sou herege. Eu estou errado. E o que é ser louco para você? O que é que é certo? O que é errado? Você, com todo seu puritanismo, é certa? O machismo e moralismo do Rachid Farid é certo? O ciúme doentio das pessoas é certo? A inveja que os fakes tem dos artistas como eu é certa? A humanidade nasceu certa? As igrejas, as religiões estão certas? Os assassinos de pessoas inocentes e da natureza estão certos? Os políticos corruptos, os ditadores, os imperialistas estão certos? Diga-me o que é certo e o que é errado.

Débora: Existe muita coisa certa. A Igreja Católica, por exemplo.

Casanova: Sei. Então eu estou errado por achar que sexo é a melhor coisa do mundo? Para você eu estou errado. Mas eu adoro sexo. E vocês que usam o dinheiro para comprar tudo? Pousam de moralistas e usam dinheiro para comprar até sexo. Isso tudo é certo? Não adianta, dona Débora. Eu conheço muito bem as pessoas e o mundo. Eu sou poeta. Conheço muito bem o sentimento humano. Não abro mão das minhas convicções.

Débora: As coisas são como são. Não há como mudá-las.

Casanova: Não mesmo. Principalmente em relação ao moralismo e puritanismo gritante. Daqui a duzentos anos ainda vai existir moralistas puritanos. Isso se a raça humana não se auto-destruir antes.

Débora: Vamos fazer as pazes?

Casanova: Não. Acho que o tal de Rachid Farid não vai gostar da idéia. Mas tudo bem, eu passo na faculdade para te ver.

Débora: Não. Por favor não faça isso. É perigoso. O Rachid Farid pode te encontrar lá. Ele é muito bravo. Ainda estamos namorando.

Casanova: Bravo não. Covarde e machista. Os homens não são bravos. Apenas machistas. O ciúme doentio é que os transforma em machões furiosos. Mas se ele quiser me bater, só porque conversei com você, como amigo, digo que não sou macho.

Cena Vinte e Dois:

Débora acaba de sair e Rita chega em casa. Karol está no colégio fazendo trabalho escolar e ensaiando sacanagem com suas amiguinhas para praticar com Casanova depois.

Casanova: Olá, voltou cedo hoje? Não agüentou as neuroses dos pacientes?

Rita: Acertou. Logo, logo eu é quem vou ter que ser internada num hospício.

Casanova: Engraçado. Era justamente sobre isso que eu estava falando agora, há pouco com a Débora.

Rita: Ué, vocês não tinham brigado? O que foi que ela veio fazer aqui?

Casanova: Fazer as pazes. Ela veio com uma conversa mole dizendo que queria fazer as pazes. Rita, responda-me uma coisa: Como é ser psicanalista? Quem é que está certo? Existe louco realmente? Ou todo mundo é louco? Você me considera um louco? Considera os escritores loucos?

Rita: Não, Casanova. Não existe louco, nem normal. Nem normal e nem errado. O que existe no fundo é o medo. A neurose é um sintoma de medo. De insegurança. A neurose se transforma em medo, o medo em depressão, em solidão, em trauma e infelicidade. Tudo é fruto do medo. Quem não tem medo nunca fica depressivo. Quem não tem medo é corajoso e está sempre ativo e feliz. Você é um cara, um grande artista feliz. As pessoas têm inveja dos artistas felizes.

Casanova: É por isso que o mundo está podre?

Rita: É isso mesmo.

Casanova: É por isso que sou meio anarquista. Não acredito em nada. Sou cético a tudo. Não tenho muita esperança na raça humana. Ah, meu amor, terminei de escrever a peça.

Rita: Que bom! Quando pretende montá-la?

Casanova: Tenho um amigo que é diretor de teatro e já me pediu o texto. Ele pretende montar a peça e me lançar como novo autor. Estou curioso para ver no que tudo isso vai dar. Quero convidar meu irmão adotivo mais novo para assistir ao espetáculo. Ele já me disse que vem fazer faculdade aqui. Você não se importa se o meu irmão Renato ficar aqui no meu quarto até conseguir um lugar para morar?

Rita: Por mim, tudo bem. O quarto é seu mesmo. Se você quiser, ele pode ficar morando aqui com você. Vocês se entendem bem?

Casanova: Porra, e como. Ele é meu fã. Eu gosto pra caralho do Renato. Ele é muito inteligente. Parece que ele quer estudar cinema na USP.

Rita: Tomara que ele consiga. A Karol quer fazer jornalismo. Acho que vai conseguir. Eu dou o maior apoio. Depois que você veio morar aqui, ela não fala de outra coisa a não ser jornalista como você. Aposto como ela e o seu irmão vão se entender bem.

Casanova: Tomara! E isso será ótimo. Porque eu gosto muito dos dois.

Rita: Além do mais, o caminho fica livre para nós. Uma relação a três é muito boa, mas não em família. Pode causar desgaste. Alguém pode ficar com ciúme. E eu quero e prezo a felicidade da minha filha.

Casanova: E o mundo precisa de paz.

Rita: E que sirva de lição para muita gente.

Cena Vinte e Três:

Débora coloca sua pasta branca timbrada com o nome Universidade MACKENZIE sobre a mesa da lanchonete do prédio do seu curso de arquitetura e senta-se de frente para Rachid Farid, que está com uma cara de cu. Ele parece adivinhar o tom da conversa. Ela começa.

Débora: Rachid, você precisa entender. Não dá mais. Por favor, procure entender. Eu não gosto de você como namorado. Somente como amigo. Eu ainda gosto do Casanova. Fui procurá-lo ontem. Mesmo que ele não queira mais namorar comigo, ainda gosto dele.

Rachid Farid: Eu sabia que era por causa desse cara. Não, eu não acredito que você vai me deixar por causa daquele devasso. Para voltar com aquele louco. Ele não te oferece nenhuma segurança. Eu posso te dar o que você quiser e pedir. Posso te dar um carro zero. Você não precisa trabalhar quando a gente se casar.

Débora: Você não entende. Não posso ficar com uma pessoa que eu não gosto. Não quero nada de você. Não estou à venda. Eu sinto muito. Procure outra moça. Existem tantas aqui na faculdade. Adeus, Rachid. Podemos ser bons amigos.

Rachid Farid: Não, obrigado. Não quero ser seu amigo. Se não posso ser seu namorado, também não quero ser seu amigo. E tem mais: o dia em que eu ver esse cara aqui com você, vou pegá-lo na porrada.

Débora: Está vendo que tipo de pessoa que você é? E se eu me casasse com você, quem me garante que não ia me bater também? Se você fizer isso, aí sim, estará mostrando seu caráter de homem machista e incompreensivo. Adeus.

Cena Vinte e Quatro.

Karol está na sala lendo o jornal. Rita entra na sala.

Karol: Rita, você viu o jornal? Olhe aqui, é amanhã a estréia da peça do Casanova. Ele conseguiu apoio e patrocínio do Jornal Primeiramão. O Primeiramão resolveu acreditar no talento de um artista genuinamente do século XXI. Isso não é maravilhoso? Você me leva para ver?

Rita: Lógico, filhinha. A peça é recomendada para maiores de dezoito anos. Como você já tem dezoito, então podemos ir sim.

Karol: Rita, você leu o texto?

Rita: Claro, meu amor. Claro que li. O tema é ótimo. O Casanova escreveu uma peça diferente. O tema central é o antagonismo entre moralismo e liberalismo. Ele usa uma linguagem neoclássica com tom irreverente. Trabalha muito com a psicologia e até com a psicanálise. Acho que você vai gostar muito também. Porque ele valoriza mais a liberdade de expressão. Pena que suas amiguinhas do colégio não vão poder assistir.

Karol: Não faz mal. Eu conto para elas depois. Se elas quiserem ler o texto, peço uma cópia para o Casanova e o levo para fazer uma palestra para nós. Aposto como a peça será filmada e gravada inteira. Ele pode colocar o vídeo da peça inteiro no youtube. Vai bombar. Em um ano ou menos até, ele pode conseguir trinta mil visitas e ficar super famoso. Estou muito curiosa para ver essa peça. Sinto-me meio co-autora, só porque ele escreveu o texto aqui em casa.

Rita: Eu também estou muito ansiosa para a estréia amanhã. Estou torcendo muito pelo sucesso do Casanova. Afinal, ele merece. Você não acha, Karol?

Karol: E como! Ele merece todo o sucesso do mundo. Nunca vi alguém mais querido e... do que ele.

Rita: ...E o quê?

Karol: ...E..., você sabe muito bem o que é.

Rita: Safadinha. E GOSTOSO!, é o que você quer dizer e não tem coragem.

Karol: É! É isso mesmo. Mas eu já te disse que ele nos satisfaz e faz a felicidade das duas. Da mãe e da filha. Não seja egoísta, senhorita Rita.

Rita: Sapecas. Será que suas amigas são sapecas como você?

Karol: Muito pior. Muito mais sapecas e taradas.

Cena Vinte e Cinco:

Karol, Rita e Casanova entram em casa, de volta do teatro. Sentam-se. Todos estão animados e felizes. Rita está mais eufórica que todos.

Rita: Bah, que legal! Você esperava tanto sucesso, Casanova?

Casanova: Não. Nem tanto. Deve ter sido a mídia que fez a cabeça das pessoas. Quando a propaganda é bem feita e o tema ajuda, o sucesso é garantido. Resta saber se isso vai continuar assim.

Karol: As madonas piedosas saíram escafedendo do teatro. Puxa, Casanova, você deixou muita gente incomodada com essa tal de Rizoleta, mãe da garota alienada.

Rita: Você viu, filha, o que o medo faz com as pessoas? Todo o medo da morte transfere tudo o que ela sente para outras pessoas. Ali, naquele caso, toda a neurose da filha foi transferida pela mãe.

Karol: Mas, e a neurose da mãe por cachorro? O que tem a ver com a filha? Por que aquele medo exagerado de cachorro que a mãe tem?

Rita: Doença. A mãe era doente. Ela fez do seu medo uma neurose doentia. Era por isso que ela maltratava tanto sua filha daquele jeito.

Karol: Acho que não entendi direito. Como é que a Rizoleta tinha tanto medo de cachorro, se ela já tivera um cachorro antes?

Rita: É fácil de entender, filhinha. O cachorro que Ela teve no passado era muito bravo e perigoso. Mas com ela, ele se entendia bem. Era manso. Ambos se gostavam. Mas qualquer outra pessoa era barrada de visitar a casa, porque o cão ficava furioso e atacava a todos. Era uma espécie de ciúme que o cachorro sentia de sua dona. Carência afetiva pura.

Karol: Acho que agora entendi direito. A tal de Rizoleta gostava de seu cão e não gostava das pessoas que a visitavam. Não gostava que ninguém a visitasse. Não gostava de pessoas ao seu redor. Aí, o cão morreu um dia e ela adquiriu a neurose do seu cachorro. Toda a neurose de seu cão foi transferida para sua dona. E depois, a neurose da mãe, herdada do cão, foi transferida para a filha da Rizoleta.

Rita: Isso mesmo. E todo o seu moralismo, ela transportou para a filha, que era inocente. A sua neurose do cachorro virou medo. Hoje, ela tem medo de qualquer cachorro. Mais do que isso. O medo dela já se transformou em nojo de qualquer coisa. Mas isso é típico de quem inventa suas próprias doenças.

Karol: Resumindo: A peça é ótima. Tudo por méritos do nosso querido herói Casanova. Não é mesmo, poeta?

Casanova: O que é isso, Princesinha? Não precisa tantos elogios. É muita bondade de vocês.

Rita: Mas é a pura verdade sim, Casanova. A Karol tem toda razão. O mérito é todo seu. E nós duas nos sentimos meio co-autoras e suas cúmplices. Pois, vimos você escrever a peça inteira aqui em casa. Temos o direito de elogiar o que ajudamos a criar.

Casanova: Obrigado, meninas. Vocês são muito gentis e adoráveis. Eu amo vocês duas com igual intensidade. Ainda bem que existem pessoas como vocês duas, que são capazes de me entenderem. Isso merece um brinde. Onde está o champanhe?

Rita: É isso mesmo. Vamos comemorar com champanhe e vinho Dezem.

Rita sai e volta com uma garrafa de champanhe gelada e serve uma taça para cada um dos três. - Tim, Tim! – Todos levantam suas taças e tomam a bebida que os franceses inventaram. A campainha do apartamento toca de repente. Quem será a essa hora? Ninguém ligou antes. Quem poderá ser? Casanova se oferece para abrir a porta. Ele abre a porta, despreocupado e tem uma grande e desagradável surpresa. Recebe um soco na cara e cai desmontado no chão. Rachid Farid acertou em cheio o rosto de Casanova que agoniza caído. O agressor entra e desfere vários pontapés no indefeso. O artista permanece caído. Rita e Karol

pulam sobre o agressor e o agarram para salvar Casanova que geme de dor.

Rita: Pare com isso, seu monstro miserável. Pelo amor de Deus, quem é esse cara? Socorro! Pare com isso agora. Karol, ligue para a polícia. Quem o senhor pensa que é, para invadir a casa dos outros e agredir pessoas indefesas? MONSTRO. Vou chamar a polícia agora mesmo.

Casanova: Não é preciso, Rita. Conheço esse cidadão. Deixe-o ir embora. Por favor, senhor Rachid Farid, fora. Caia fora. Já está satisfeito? Já descarregou toda sua fúria e neurose provocada pelo ciúme?

Rita: Mas, Casanova, você não pode deixar um monstro desse ir embora numa boa, depois de tudo o que ele fez. Ele é um invasor. Um agressor. Ele merece pagar pelo que fez.

Casanova: Deixa pra lá, Rita. Ele já me bateu mesmo. Não adianta fazer nada contra ele. Se formos prender todos os machistas ignorantes e moralistas, não haverá cadeia no mundo inteiro suficiente. Aí, teríamos que soltar todos os outros criminosos.

O agressor ouviu tudo calado e foi embora sem dizer nada. Rita e Karol ajudam Casanova a se levantar e fazem curativos em seu nariz que está sangrando.

Rita: Que coisa mais estranha. Você conhece esse monstro?

Casanova: Ele é apenas mais um dos tantos machistas moralistas que infestam o mundo e me perseguem por toda parte. Esse imbecil é o cara que é apaixonado pela minha ex-namorada Débora, que vocês conheceram. Ela ficou com ele umas duas vezes, para tentar me fazer ciúme, e depois não quis mais nada

com o idiota. Como ela não quer mais nada com o imbecil, eu que acabei pagando o pato, só porque ela o deixou por minha causa. Tudo bem. Já deixei o caminho livre para ele. Depois dessa, acabei de perder o restinho de esperança que eu tinha nas pessoas. Vou-me embora para bem longe. Já dei trabalho demais para os moralistas. Eu sou uma espécie de ameaça para eles. Vou deixá-los em paz. Já cumpri minha tarefa. Se eles não tirarem minha peça de cartaz, ela os importunará por mim.

Rita: Mas por que você tem que ir embora? Para onde você vai? Não adianta fugir, Casanova. Para qualquer lugar que você for, sempre haverá um desgraçado dum moralista puritano. O moralismo é uma consequência natural da sociedade e não há cura para esse cancro.

Casanova: Para onde eu vou não há moralismo, puritanismo e nem censura. Tenho certeza de que me sentirei bem lá. Muito melhor do que viver aqui no meio de tantas ameaças, hipocrisia e desconfiança. O medo faz mal à saúde de qualquer pessoa de bem.

Rita: Mas para onde você vai, Casanova? Diga onde não existe moralismo que eu quero ir morar nesse lugar também.

Casanova: Selva amazônica. Vou morar na selva amazônica. Vou viver com os índios, que apesar de serem selvagens, são mais pacíficos que a sociedade moralista e fake que conheço. Lá não há neurose desenfreada. Vou viver o resto da minha vida trabalhando como voluntário nas aldeias indígenas. Eles precisam mais de mim, do que eu preciso da sociedade pseudo-civilizada. Sinto muito por vocês duas, que são minhas protetoras e meus amores. Continuarei amando vocês duas lá, como se estivesse aqui. Eu lamento muito por tudo. Sei que vocês sentirão muito minha falta, mas é assim que tem que ser. Sinto muito.

Cena Vinte e Seis:

Casanova pega sua mochila grande vermelha de nylon e coloca toda sua roupa dentro. Coloca seu LAP TOP numa valise preta. Pega a mochila e a valise preta e deixa sobre o sofá e olha para Karol, que está triste com os olhos em lágrimas. Dá um abraço e um beijo em seu rosto. Ela soluça em seus braços. Depois ele abraça Rita e a beija na boca. Ela chora e resmunga algo que ele não entende. Ele sai lentamente e olha para trás. Rita e Karol se abraçam e choram copiosamente e praguejam o mundo.

Rita: O que é a vida, hein, minha filha? Quando encontramos alguém de verdade, alguém que realmente vale a pena amá-lo, ele vai embora.

Karol: Mãe, será que tornaremos a ver o Casanova um dia? Minha vida não será mais a mesma daqui para frente. Nunca mais vou esquecer o meu primeiro homem. É uma pena que tudo tenha terminado assim. Ele é um amor de pessoa. Acho que nunca mais me apaixonarei por ninguém. Vou tê-lo sempre em minha memória. Vou guardar todos os seus livros e fotos com carinho.

Cena vinte e Sete:

O telefone toca. Rita atende.

Rita: Alô. Quem?... Ah, sei... onde você está? Não, ele não está. Venha para cá e a gente pode conversar melhor. Tenho uma notícia não muito agradável para te dar.

Karol: Quem era, mãe?

Rita: Nem te conto, minha filha. É o Renato, irmão de coração do Casanova, que acabou de chegar do Paraná. Ele veio visitar o irmão e morar aqui em São Paulo para estudar.

Karol: E agora? O que vamos dizer para ele.

Rita: Vamos recepcioná-lo como se nada tivesse acontecido. Ele fica aqui morando no quarto do Poeta. Depois contamos toda a verdade. Ele parece ser um rapaz inteligente e compreenderá a decisão do irmão mais velho.

Karol: Tomara que ele seja legal como o Casanova. Assim, a dor da saudade será menor.

Cena Vinte Oito:

A campainha toca. Rita vai atender. Abre a porta e o rapaz fica meio perdido.

Rita: Você é o Renato?

Renato: Sim. O Casanova não está? Será que ele demora?

Rita: Entre, por favor. Essa é a minha filha Karol. O Casanova saiu. Ele precisou fazer uma viagem de repente a negócio. Trabalho solidário. Mas ele disse para você ficar morando aqui em casa, no quarto dele, até ele voltar.

Karol pegou na mão de Renato e o cumprimentou com um sorriso e desejou-lhe boas vindas. Ele devolveu-lhe outro sorriso. Depois, Rita o conduziu ao quarto do escritor, que a partir de agora será a sua nova casa. Ele pegou o texto da peça sobre a mesa e deu uma olhada. Sentou-se na cadeira do artista e olhou pela janela. A lua cheia brilhava num céu meio cinza. Depois, deitou-se na cama para dormir.

Rita despediu-se da filha e foi dormir. Provavelmente pensando no seu amado. Ela sabia que talvez nem tudo era desgraça no mundo. Um dia ela inventaria um jeito de encontrar seu amor.

Sabia também que Renato seria um bom consolo para Karol. Nem tudo estava perdido. Enquanto tentava compreender os mistérios do mundo, adormeceu.

Renato dormia tranqüilo e profundamente. Karol entra em seu quarto, em traje de dormir. Senta-se na cadeira ao lado da cama e começa a fazer carinho no rosto de Renato. Ele acorda e fica olhando para ela assustado. Karol coloca o dedo indicador sobre os lábios e pede silêncio. Ele obedece. Ela tira toda a roupa e fica de pé na frente do rapaz que a olha com admiração. Depois Karol começa a tirar a roupa do rapaz. Eles se abraçam e fazem amor como dois inocentes, sem trocar uma palavra sequer. Depois que terminam de fazer amor, a ninfeta conta toda a história que aconteceu com Casanova. Fala sobre o romance que tiveram. Da liberdade que ele desejava e queria. Fala do romance dele com sua mãe. Fala sobre a tal de Débora e do fake agressor chamado Rachid Farid. E diz que o que acabou de fazer é um presente para o irmão, por tudo que ela sentia por Casanova. Renato apenas balança a cabeça concordando com tudo. As luzes se apagam e a platéia que aplauda, se quiser.

Fim

MAGGIAR VILLAR DE CASANOVA

maggiarvillar@hotmail.com

mvtvcom@hotmail.com

Fone: 45 – 9968.9711

São Paulo, USP, 1987/2009

